



**Textos para reflexão e ação:** Entre os dias 12 e 17 de outubro de 2020, a Marcha Mundial das Mulheres encerra sua 5ª Ação Internacional, com o lema "Resistimos para viver, marchamos para transformar". Preparamos uma série de textos e áudios que serão publicados ao longo desta semana, resgatando as lutas de nossa 5ª Ação Internacional, as nossas alternativas feministas e a nossa história. No dia 17, faremos uma grande atividade virtual internacional. A 5ª Ação Internacional se encerra, mas a luta feminista segue, forte e permanente: resistindo para viver, marchando para transformar!

## Texto #5: 20 anos em Marcha

Mudar o mundo e mudar a vida das mulheres em um só movimento. Igualdade para todas. Fortalecimento de espaços coletivos das mulheres: populares, autônomos e diversos. Ações com criatividade para enfrentar o capitalismo patriarcal, racista e LGBTfóbico. Construção de alianças com os movimentos sociais em luta para transformar o mundo. Vincular o trabalho permanente em âmbito local com os temas e processos globais. Solidariedade e internacionalismo.

São essas as principais características que levaram à construção da Marcha Mundial das Mulheres (MMM) como um movimento permanente no Brasil e em todo o mundo, com atuação em mais de 50 países.

Neste ano tão atípico de 2020, a Marcha Mundial das Mulheres celebra 20 anos de existência e resistência feminista. A inspiração para a criação da MMM partiu de uma manifestação realizada em 1995, em Quebec, no Canadá, quando 850 mulheres marcharam 200 quilômetros por "pão e rosas". As mulheres do Quebec buscaram contatos com organizações em vários países para compartilhar essa experiência e propor a criação de uma campanha global de mulheres. A Marcha Mundial das Mulheres começou, então, como uma ação nas ruas a ser desenvolvida ao longo do ano 2000, com uma plataforma de 17 reivindicações para eliminar a pobreza e a violência contra as mulheres.

Essa ação marcou um profundo questionamento às estruturas do atual modelo e renasceu a utopia de um feminismo anticapitalista ancorado nas lutas concretas dos povos. A construção de alianças com outros movimentos sociais é um princípio que caminha junto com nossa auto-organização.



Como criar um movimento feminista internacional em realidades tão distintas? Aprendemos a envolver um grande número de mulheres que chegam com suas histórias de vida e militância, criando novas sínteses coletivas e conectando lutas locais e globais. Nossa unidade se dá através da ação. Todas as mulheres marcham, se organizam e fazem os enfrentamentos nas ruas, redes e roçados. Resistimos às guerras, ao poder das empresas transnacionais, à destruição da natureza e das nossas comunidades e territórios, aos ataques do capital contra a vida. Lutamos pelas vidas negras, pela autonomia e pela sexualidade livre, pela soberania dos povos e também a soberania alimentar.

Nossa identidade política se constrói cotidianamente através de um processo simbólico contínuo. A música nos une, com a variedade de letras compostas por cada país. Colocamos o símbolo da Marcha em nossas roupas e, quando o encontramos, sabemos que ali tem gente lutando para transformar o mundo.

Nossa diversidade não está só na dimensão internacional, mas também entre as próprias brasileiras. Temos tantas diferenças e tanto em comum! Estamos em marcha 365 dias no ano: praticando a resistência, concretizando as alternativas feministas, exercendo nossa solidariedade e fazendo com que a luta das mulheres de Apodi (RN) seja também a do Jardim Ângela (SP). O enfrentamento das mulheres à crescente militarização no Haiti se parece muito com o das mulheres dos morros do Rio de Janeiro, que sofrem do mesmo problema no seu dia-a-dia, entre tantos outros exemplos.

Há momentos-chave na Marcha, onde todas estamos sintonizadas em uma grande corrente de luta e solidariedade. São as **Ações Internacionais** que se realizam a cada cinco anos. A primeira foi a do ano 2000, ação incrível que juntou mais de 5 milhões de assinaturas e culminou em marchas simultâneas em 40 países e em atos em frente à sede do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional, em Washington, nos Estados Unidos. As mulheres denunciaram os efeitos devastadores do neoliberalismo em seus países e em suas vidas. Há 20 anos, não tinha essa internet toda nos conectando com mais facilidade, nas diferentes partes do mundo. Por isso, o tamanho dessa mobilização foi algo muito forte. A maioria das mulheres que se envolveram definiram que essa força não podia parar. Foi aí que decidiram construir a Marcha Mundial das Mulheres como movimento permanente,

No Brasil, entre 8 de março e 17 de outubro, foram realizadas atividades em todos os estados. O grande momento nacional desta ação foi a realização da Marcha das Margaridas, proposta pelas mulheres da Contag. O nome desta Marcha, uma referência a Margarida Maria Alves, tornou visível a trajetória de lutas das mulheres rurais que, desde os anos 1980, atuam de forma organizada no Brasil.



O dia 17 de outubro marca a luta contra a pobreza, e é importante para nós porque mudar a vida de todas as mulheres significa acabar com o capitalismo racista e patriarcal, que gera toda a pobreza que conhecemos.

A 2ª Ação Internacional aconteceu em 2005, com o lema "Mulheres em movimento mudam o mundo!". Elaboramos a Carta Mundial das Mulheres para a Humanidade, que apresentou o mundo que queremos construir, baseado em cinco valores: liberdade, igualdade, solidariedade, justiça e paz. No dia 8 de março, durante uma passeata com a participação de 30 mil mulheres de todo o Brasil em São Paulo, a Carta iniciou sua viagem ao redor do mundo. Até 17 de outubro, ela passou por 53 países e territórios. Em cada país, a Marcha expressou suas lutas e propostas em um retalho de tecido. Estes retalhos foram sendo costurados em uma Colcha da Solidariedade, que foi concluída na última parada em Ouagadougou, Burkina Faso. Enquanto isso, ações foram realizadas em 17 de outubro, ao meio-dia, em cada meridiano, em uma vigília de 24 horas de Solidariedade Feminista. A "onda" começou nas ilhas do Pacífico (Nova Caledônia, Samoa e outras), foi para a Ásia, Oriente Médio, África e Europa simultaneamente, terminando nas Américas.

Na 3ª Ação Internacional, em 2010, com o lema "Seguiremos em Marcha até que todas sejamos livres", três mil mulheres de todo o Brasil marcharam por dez dias entre as cidades de Campinas e São Paulo. Mais de 100 mil mulheres de 75 países participaram em ações nacionais, regionais e internacionais. O encerramento internacional dessa Ação aconteceu na República Democrática do Congo, e o resultado foi uma síntese política feminista muito importante sobre a militarização, a violência e a mineração na dinâmica do capitalismo

A 4ª Ação no Brasil resultou em um mapa das resistências e alternativas, construído coletivamente pelas militantes. O mapa evidencia a trajetória da Ação no Brasil, as reivindicações colocadas e a necessária ligação entre todas elas, de norte a sul, por um feminismo plural, diverso e combativo. Com os eixos do trabalho, do corpo e dos territórios das mulheres, os comitês estaduais da MMM trabalharam a partir das pautas urgentes em suas realidades: o combate à violência em Pernambuco, Paraíba, Ceará e Alagoas, a luta pela desmilitarização no Rio de Janeiro, o fortalecimento da auto-organização no Tocantins, a defesa da água e dos bens comuns, contra a exploração das mineradoras em Minas Gerais, a luta contra o agronegócio e o genocídio indígena no Mato Grosso do Sul, pela autonomia econômica em São Paulo, pela legalização do aborto no Rio Grande do Sul e pela agroecologia e cultura feminista no Ceará e Rio Grande do Norte.

Também é desde 2015 que organizamos, todos os anos, as 24h de Solidariedade Feminista. Contra o poder das empresas transnacionais que exploram o corpo e o trabalho das mulheres



em todo o mundo, vamos às ruas no dia 24 de abril, data de solidariedade internacional que marca o dia do desabamento do edifício Rana Plaza, em Bangladesh. No edifício funcionavam várias oficinas terceirizadas da indústria têxtil que produzia roupas para muitas marcas famosas às custas do trabalho precário das mais de mil mulheres que ficaram feridas ou perderam suas vidas. Por isso, nesse dia, as militantes da Marcha Mundial das Mulheres saem às ruas nos cinco continentes, das 12h às 13h, em uma ação que acompanha o ciclo do sol, do Oceano Pacífico ao Atlântico, totalizando 24 horas de solidariedade e denúncia das empresas transnacionais.

Em 2015, 10 anos após a vitória popular contra a ALCA, formou-se a Jornada Continental pela Democracia e contra o Neoliberalismo, um instrumento fundamental para nossa resistência à ofensiva de extrema-direita no continente. Participar da Jornada Continental é parte de nossa visão de que o internacionalismo e a aliança com movimentos populares é fundamental para a luta feminista, anticapitalista e antirracista. De lá até aqui, nos organizamos em todo o Brasil para participar do Encontro Continental pela Democracia e contra o Neoliberalismo, em 2017, em Montevideu (Uruguai), e do Encontro Anti-imperialista pela Democracia e contra o Neoliberalismo, em Havana (Cuba), em 2019.

### **Estamos em 2020, ano da nossa 5ª Ação Internacional!**

Por todo o mundo, as mulheres enfrentaram muitos desafios para construir essa ação, atingidas por uma onda de extrema-direita e pela intensificação de políticas ultra neoliberais, autoritarismo, destruição de direitos e devastação ambiental. Tivemos que nos reinventar para nos mantermos unidas na ação e também para enfrentar uma pandemia causada pelo covid-19 que ceifou milhares de vidas pobres, negras e migrantes no mundo, vidas que o capitalismo considera descartáveis. No Brasil já são quase 150 mil! Por isso, aqui, nossa 5ª Ação Internacional é marcada pelo #ForaBolsonaro!

A solidariedade, valor central em nossa construção, fez mais sentido do que nunca. Somos nós as mulheres a linha de frente de enfrentamento ao coronavírus. Mostramos na prática que há alternativas para colocar a vida no centro da organização social. Propusemos, junto com outros movimentos, a taxação de fortunas como saída para uma suposta escassez de recursos, bem como a revogação da emenda constitucional do teto de gastos para que o SUS possa atender a todas e todos que necessitem. Lutamos pela garantia do auxílio emergencial até o fim da pandemia. Apontamos a agroecologia como caminho para a alimentação do povo, em contraposição ao agronegócio que nos envenena e nos empobrece. Fortalecemos a economia



feminista e solidária, que questiona a divisão sexual do trabalho e o poder das transnacionais sobre nossas vidas e corpos, e reforçamos a ideia que o feminismo é a resposta coletiva e antissistêmica que necessitamos para que o bem viver aconteça.

>> Para ler mais sobre a nossa história, recomendamos a leitura do caderno [Feminismo em movimento](http://marchamundialdasmulheres.org.br/feminismo-em-movimento-caderno-de-apresentacao-da-mmm/).  
[marchamundialdasmulheres.org.br/feminismo-em-movimento-caderno-de-apresentacao-da-mmm/](http://marchamundialdasmulheres.org.br/feminismo-em-movimento-caderno-de-apresentacao-da-mmm/)